



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24787

Festas de Nossa Senhora das Preces

nos dias
5 e 6 de Julho



PROGRAMA

DIA 5 DE JULHO

De manhã — Missa rezada

Durante o dia confissões dos peregrinos

Às 21 horas (9 da noite) — Missa vespertina e dominical antecipada. Todas as pessoas que assistirem a esta missa cumprem o preceito do domingo e estão dispensadas de ao outro dia assistirem à missa.

Às 10 horas — Via Sacra com pregação

DIA 6 DE JULHO

Às 6,30 horas — Missa rezada e Comunhão

Às 8 horas — Chegada da Filarmónica de Avô

Às 10 horas — Missa rezada

Às 11,30 horas — Missa cantada pela Filarmónica e sermão

Às 16,30 horas — Missa rezada e em seguida a procissão com a imagem da Senhora das Preces

Virgem Senhora das Preces
Pequenina e airosa,
Vai gente de muito longe
Para ver tão linda rosa.

AVISO AOS SENHORES FEIRANTES

O local da feira é o recinto onde costuma ficar o carroucel na parte de trás das capelinhas.

Em frente das capelinhas e nos parques junto à fonte não ficam feirantes.

Para se proceder a uma boa distribuição e arrumação dos feirantes, todos os interessados devem dirigir-se, por escrito, à Mesa da Irmandade indicando o que é que vendem, quantos metros quadrados de terreno querem, incluindo o espaço que os carros ocupam. Os interessados devem dirigir os pedidos até ao dia 22 de Junho e todos os lugares devem estar pagos até aquela data.

A todos os feirantes lembramos que todo o terreno do Santuário é propriedade particular.

Ninguém tem direito de exigir.

Se não lhes interessarem as condições de lugar e de preço, não nos venham incomodar.

ANIVERSÁRIO DA Voz do Santuário

No dia 28 do corrente faz 20 anos que a *Voz do Santuário* veio à luz do mundo para glória da Senhora das Preces e levar a toda a parte a memória das suas maravilhas e a notícia das suas graças.

Nesta hora de grande contentamento enviamos a todos os nossos prezados assinantes as nossas saudações, pedindo que nos ajudem a continuar a vida da *Voz do Santuário*, pagando honradamente e generosamente e arranjando mais assinantes.

O caminho a andar ainda é longo e espinhoso, mas com a ajuda de todos tudo é possível.

Cantando espalharei por toda a parte, se tanto me ajudar o engenho e arte as glórias e bênçãos da Senhora das Preces

NOSSA SENHORA E A PALAVRA DE DEUS

Muitos são os nomes gloriosos com que o Povo de Deus invoca a protecção de Nossa Senhora.

Pelo seu alto significado, há três que traduzem os principais dons por Deus dispensados a Maria Santíssima. O primeiro entre todos, que ressalta dos profundos Mistérios da Santíssima Trindade, da Incarnação e da Redenção, é o nome de *Mãe de Deus*.

Os outros dois que se acercam do primeiro como pagens em volta da Rainha e lhe dão brilho e magestade, são os nomes de *Imaculada Conceição* e de *Virgem Mãe*.

Fixemo-nos no primeiro — *Mãe de Deus*.

Esta fixação põe-nos necessariamente em contacto com Deus uno na essência e trino em Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Põe-nos em contacto com a segunda Pessoa, o Filho que a escolheu para Mãe, quando, na plenitude dos tempos o Verbo de Deus se fez homem.

Põe-nos ainda em contacto com o mistério da queda do mundo no pecado, do qual se levantou pelo Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Verbo de Deus feito um de nós.

Maria é *Mãe de Deus*. Para apreciar, à luz da fé (porque a luz da razão não leva a tanto, o glorioso nome de *Mãe de Deus* aplicado a Nossa Senhora,

(Continua na página 4)

Senhora das Preces

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR À

VAMOS PARA A PRAIA?

Pois vamos mesmo, sim Senhores, com a graça e auxílio de Deus e com a generosidade dos nossos amigos e generosos benfeitores.

Já estão inscritas perto de cem crianças.

Vamos para a Praia de Mira, onde já temos casa boa, alugada por seis contos para o mês de Julho.

O primeiro turno, que será de 60 crianças, irá para a Praia de Mira no dia 26 de Junho, o segundo turno irá no dia 11 de Julho.

Os carros já estão falados, o pessoal, vigilantes, já anda a fazer projectos das ementas, já

temos alguns sacos cheios de mantimentos, as crianças, cheias de alegria, andam num sino e sonham com as areias e com o mar e nós com as contas que teremos de fazer e pagar.

INSPECÇÕES MILITARES

Concelho de Oliveira do Hospital — Dia 16 de Junho, Aldeia das Dez, Lagares da Beira, Lageosa e Lourosa; 21 de Julho, Alvoco de Várzeas, Avô, Bobadela e Ervedal; 24 de Julho, Lagos, Santa Ovaia, S. Gião, S. Paio de Gramaços, S. Sebastião da Feira, Travanca de Lagos e Vila Pouca da Beira; 28 de Julho, Meruge, Nogueira do Cravo e Oliveira do Hospital; e 29 de Julho, Penalva de Alva e Seixo da Beira.

Percorrer as lindas terras da Beira e não visitar a Senhora das Preces é como ir a Roma e não ver o Papa

Cobrança em LISBOA

Alguns assinantes de Lisboa escrevem-nos a perguntar se há cobrador em Lisboa e quem é e onde mora.

Antes de mais queremos dizer o seguinte: agradecemos que cada assinante nos mandasse directamente o dinheiro. Primeiro porque é mais fácil e mais bonito; segundo porque Lisboa é muito grande e é impossível ir a todos os lados e pode acontecer que o dinheiro que se vai receber não chegue para as deslocações.

Portanto o mais bonito era cada assinante pegar numa nota de 20\$00, metê-la dentro de um envelope e mandar para cá. A gente recebe, regista, publica e agradece.

Para os esquecidos e para os atrasados nas contas, é que tem de ser por intermédio do cobrador, que é o Sr. António José Mendes da Fonseca que mora no Campo de Santa Clara, 43-4.º De boa vontade atende e recebe. Pedimos e agradecemos que de boa vontade todos os recebam e atendam.

Cobrança de Assinaturas

ATENÇÃO ASSINANTES DE VIDE

Todos os assinantes da freguesia de Vide têm, daqui em diante, facilidade de pagar o jornal, *Voz do Santuário*.

Todos os meses se realiza a feira de Vide e todos os meses lá vai o Sr. Manuel Lourenço, do Chão Sobral, que é aquele que todos os anos recebe as importâncias nos dias da Festa, junto ao coreto, na Senhora das Preces.

Pois agora ele faz o mesmo serviço em Vide. É fácil encontrá-lo, porque é ele que anda a vender facas.

*Ao que vende facas
de corte real,
feitas no Chão Sobral,
é que se paga o jornal.*

Tomem nota e mandem-nos as notas.

DIZEM VELHOS MANUSCRITOS...

VIII

POSSÍVEL ORIGEM DO TOPONÍMIO «ALDEIA DAS DEZ»

§ 1.º

UM ACHADO E TRÊS TRADIÇÕES

Aí por 1911 — era eu ainda aluno da Escola do Exército — andava meu Pai construindo, na sua propriedade da Ribeira, uma pequena casa que havia de servir para moradia de um caseiro, recolha de gado e guarda dos produtos da agricultura.

Em certo momento, um dos operários empregados no «arranque» da pedra, topou com uma, cuja face superior era lisa, mas não podia ser facilmente destacada da pedreira.

E, persuadindo-se que só «a fogo» podia sair, resolveu fazer nela um «tiro».

Detonado ele, a pedra ficou fragmentada em vários blocos que, retirados agora com relativa facilidade, deixaram a descoberto uma espécie de «pio» de grandes dimensões, no fundo do qual foram encontradas ossadas de um ser humano, tendo ao lado uma panela de barro preto contendo algumas centenas de moedas em cobre.

As ossadas foram removidas para o cemitério da freguesia e a panela com as moedas, alguns dias depois, foi levada por meu Pai a Coimbra, para tudo ser examinado pelo distinto arqueólogo, nosso conterrâneo, Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos que declarou o achado sem qualquer valor arqueológico.

Tratava-se de um túmulo romano que, certamente, não devia ser o único naquelas paragens e que era mais uma prova irrefragável da dominação romana naquela parte da Lusitânia.

Os anos passaram e, sobre o achado, veio um total esquecimento.

Mas, agora, que tanta gente me tem perguntado, já escrevendo-me, já pessoalmente, já ainda por intermédio de *Voz do Santuário*, qual a origem do nome «Aldeia das Dez», a sua recordação veio de novo à minha mente e aqui estou a contar o facto ocorrido há quase sessenta anos e que bem pode servir de preâmbulo à resposta que tento dar à pergunta que tantas vezes me tem sido feita.

E já que estou em maré de recordações, lembro-me também de duas tradições que, ao tempo da minha meninice, andavam na boca da gente crescida da minha terra, pretendendo, com elas, explicar a origem do nome por que hoje é conhecido o elevado monte de cota 1.240 metros, onde se ergue a capela de Nossa Senhora das Necessidades.

Dizia uma que neste alto existia, há muitos séculos, uma *fortaleza* ou *castro* lusitano onde, a quando da dominação romana, se instalou um general romano de nome Colcorinho.

A outra, pelo contrário, afirmava que, muitas anos antes da dominação romana, um subalterno de Viriato, também chamado Colcorinho, ali se instalara como guarida avançada do valoroso Pastor dos Herminios.

Ora, nem uma nem outra versão tem qualquer argumento que milite a favor da sua veracidade.

Não só nunca deve ter existido o falado *castro* lusitano no alto do Colcorinho, como também o toponímio que o designa não deve ter origem no decantado general romano ou no fabuloso subalterno de Viriato.

Em face destas duas tradições que tão categoricamente se contradizem, não serei eu que siga uma, repudiando a outra e, menos ainda, que emita opinião pessoal cuja veracidade nunca podia provar por falta total de documentos.

Mas, por outro lado, há ainda uma terceira tradição que diz ter havido ali, para a banda das Portas do Inferno, uma exploração mineira de cobre, há muitos séculos abandonada e, acerca da qual, corriam coisas verdadeiramente assombrosas sucedidas a um ousado visitante que, um dia, arriscou alguns passos dentro da mina.

A dar-se crédito à tradição, porque não admitir que o étimo *Colcorinho* seja derivado do grego *khalkos* que significa cobre e o sufixo *inho* que designa pequenez, posposta a *khalkos*, para indicar a pouca abundância de metal daquela natureza, encontrado na referida mina?...

Ou, porque não admitir antes que ele seja derivado do termo igualmente grego *kolkos* que quer dizer coifa ou capêlo, em virtude da forma cónica, ou tronco-cónica que tem a parte superior do monte?

As sugestões aí ficam e os estudiosos que se pronunciem se o assunto lhes interessar.

Pelo que diz respeito à existência do *castro* lusitano, naquele local, descreio inteiramente dela.

O *castro* era uma obra edificada para receber uma família ou um grupo de famílias, com os seus rebanhos, as suas alfaias de trabalho e toda a impedimenta que de pronto necessitassem no local onde ia ser instalado.

Era nele que se protegiam contra as investidas do inimigo, quer elas fossem do homem, quer do animal feroz que, nessa época, abundava por toda a parte.

Por conseguinte, obras desta natureza visavam mais a incrementar o povoamento da região onde eram edificados que propriamente o combate.

Assim, a sua localização natural e lógica, seria em pontos baixos, junto de alguma vereda já existente e onde o terreno mais facilmente podesse adaptar-se à agricultura e os gados tivessem onde pastar; numa palavra, onde houvesse maior garantia de sobrevivência.

Não era, pois, o alto do Colcorinho, o local mais adequado à construção de um *castro*. A vida ali, seria certamente dura e difícil, se não mesmo impossível.

Sou, por isso, de parecer que, se alguma obra militar houve ali, devia tratar-se de uma simples *atalaia* que não de um *castro*; e que todo o pessoal que, durante o dia, vigiava, à noite, vinha abrigar-se em pontos mais baixos onde o vento frio e cortante da Serra da Estrela quebrasse, um pouco, a sua violência.

E quem sabe se tal facto, se acaso sucedeu, não teria dado lugar à construção da primeira casa do Casal do Colcorinho que na encosta norte hoje existe?

§ 2.º

A ESTRADA MILITAR IMPERIAL SALAMANCA-CONIMBRIGA

Lendo, um dia, o *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, obra interessante e valiosa do insigne escritor militar que foi o general João de Almeida, a página 65 do vol. I, encontrei o seguinte: «A estrada militar imperial de Conimbriga a Lancia Oppidana que partindo para Nordeste, cruzava o rio Ceira na ponte da Foz-de-Arouce e o Alva em Avô, passava por Torroze e Seia...».

Por outro lado, a página 109 do vol. VII da mesma obra, li ainda: «A via imperial que vindo de Salamanca pela Lancia Oppidana (Guarda) passava por Linhares e Seia, cruzava o Alva na ponte de Sandomil e entrava no distrito de Coimbra em Avô».

Embora muito me interessasse todo o traçado da via, a minha atenção, contudo, incidiu, como aliás era natural, no seu percurso entre a ponte de Sandomil e Avô que o ilustre autor do «Roteiro» não detalhou.

Lembrei-me, então, da existência, em Alvoco de Várzeas, de uma velha ponte de alvenaria com todas as características de romana; lembrei-me também de vestígios ainda existentes de antiquíssimas calçadas que os rigorosos invernos de muitos séculos não destruíram, entre Alvoco de Várzeas e Aldeia das Dez e entre esta povoação e Avô.

E tão rápido como o relâmpago, pareceu fazer-se luz no meu espírito: a estrada, que desde Arganil vinha correndo pela margem esquerda do Alva, acompanhando-o numa vintena de quilómetros, não devia cruzar o Alva em Avô conforme se diz na primeira das transcrições feitas, mas a Ribeira da Moura que ali desagua naquele rio.

Se não vejamos: Supondo certa a primeira afirmação, a partir de Avô, a estrada devia seguir pela margem direita do Alva e viria a passar por S. Sebastião da Feira, Penalva de Alva e Sandomil, não necessitando de cruzá-lo nesta povoação, como se diz na segunda transcrição.

Se assim não fosse, para que a construção da ponte de Alvoco de Várzeas?

Supondo, agora, exactas as duas afirmações, a estrada devia cruzar o Alva, ainda uma vez, num ponto intermédio entre Avô e Sandomil que seria, possivelmente, a Ponte das Três Entradas.

Não me consta, porém, que antes da actual ponte outra houvesse, cujas características pudessem levar-nos a crer na existência de uma ponte romana.

Por outro lado, sobre a Ribeira de Alqueta, hoje Rio de Alvoco, está lançada, como já tive ocasião de dizer, uma ponte cuja data de construção se perde na noite dos tempos.

(continua)

FRANCISCO ALDEIA DAS DEZ

CONSOLADOR DE JESUS

cutar a narração das suas faltas, soluça com a voz comovida até às lágrimas:

— «Se calhar é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste. Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Mas eu ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer».

Quando a Lúcia, batida pela dúvida e receando enganar o demónio, resolve não voltar à Cova da Iria, o Francisco anima-a com estes delicados pensamentos:

— «Mas que tristeza! Deus está tão triste com tantos pecados e agora, se tu não vais, fica ainda mais triste».

É sempre o mesmo Francisco: — o que mais o preocupa no pecado é a tristeza ou ofensa que ele causa a Deus. Nas duas primeiras aparições, Nossa Senhora fez incidir sobre o peito dos pastorinhos, uma luz muito intensa, pela qual se viram em Deus. O Francisco comentava depois: «Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos... Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...».

Deus concedeu-nos a nós, pobres criaturas, o privilégio de O pudermos desagrarar e consolar. Assim como um Anjo o consolou no Jardim das Oliveiras, assim também o Francisco não quis deixar Jesus sozinho na sua agonia. Empregava para consolar Nosso Senhor os meios que os seus conhecimentos religiosos que lhe sugeriam, e em primeiro lugar a oração contemplativa.

«O Francisco era de poucas palavras — esclarece sua prima Lúcia — e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava até de se ocultar da Jacinta e de mim. Não poucas vezes o íamos surpreender detrás duma parede ou dum silvado, para onde dissimuladamente se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava:

— Francisco porque não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta?

— Gosto mais — respondia — de rezar sozinho para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste».

Quando ia com sua prima para a aula, às vezes dizia-lhe:

— «Olha, tu vai à escola, eu fico aqui na igreja junto de Jesus escondido. Não me vale a pena aprender a ler. Daqui a pouco vou para o céu. Quando voltares vem por lá chamar-me».

um bocadinho de companhia a Jesus escondido. Queria tanto consolá-Lo!»

Para desagrarar a Nosso Senhor, acrescentava o sacrifício

Se levavam as ovelhas para junto da igreja, recomendava às companheiras:

— Vocês agora olham pelas ovelhas, enquanto eu vou fazer à oração. Por vezes ouviam-no exclamar:

— «Mas que pena Deus estar tão triste! Se eu O pudesse consolar! Ele ainda está tão triste! Eu ofereço-lhe todos os sacrifícios que posso arranjar».

Na verdade as mortificações que sua prima e irmã ofereciam para converter pecadores ou desagrarar o Coração de Maria, Francisco preferia dirigi-las à sua intenção predilecta: consolar Jesus. Na doença, pergunta-lhe certa vez sua prima: «Francisco sofres muito?»

— «Bastante, mas não importa. Sofro para consolar a Nosso Senhor».

Doutra vez: «Francisco, sentes-te muito mal?»

— «Sinto, mas sofro para consolar a Nosso Senhor».

Sua irmãzinha intervém:

— «Não te esqueças de oferecer pelos pecadores».

— «Sim, mas primeiro ofereço para consolar a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e depois então é que ofereço pelos pecadores e pelo Santo Padre».

Na véspera de morrer, segreda à Lúcia:

— «Olha, estou muito mal. Já me falta pouco para ir para o céu».

— «Então — suplica-lhe a prima e confidente — não te esqueças de lá pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta».

— «Sim, eu peço, mas essas coisas pede-as antes à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir a Nosso Senhor e depois antes O quero consolar».

E na manhã do dia 4 de Abril de 1919 — há 50 anos — primeira sexta-feira do mês, o Vidente Francisco partiu para o céu, nos braços da Mãe Celeste a cumprir a sua missão de consolar para sem re Nosso Senhor.

Festa do Corpo de Deus

No dia 5 de Junho — dia Santo de guarda e feriado nacional — realiza-se a festa do Corpo de Deus, que constará de missa cantada, sermão e procissão.

Virá abrilhantar a festa a Filarmónica de Avô que chegará a Aldeia às 10,30 horas.

Bandeira

Já cá está a bandeira de Nossa Senhora das Dores, oferta da família do Sr. Serafim Marques Araújo. Custou 1.740\$00.

Festa de S. Bartolomeu

No dia 4 de Maio tomaram posse os mordomos da festa de S. Bartolomeu — padroeiro da freguesia. Todos estão animados do maior desejo de empregarem todos os esforços para que tudo corra o melhor possível. Claro que esperam a ajuda de todos. Todos devem dar os seus donativos, prendas, etc. pois sem isso nada se pode fazer.

Santos de ontem e Santos de hoje

(Continuado da página quatro)

salvo as suas almas, isto é, hajam merecido, pela sua conduta, pertencer aos que Cristo um dia chamará benditos.

Desses são santos, no sentido corrente da palavra, aqueles que inseriu no cânone dos santos (daí canonizados) após estudo profundo e exigente da sua vida ou por força de antiga e respeitável tradição.

Depois da morte ninguém se faz santo. A santidade, considerada como conjunto de virtudes em alto grau, é obtida durante a vida. À santidade correspondem méritos. Méritos só se obtêm em plena liberdade de agir, quando os actos dependem da vontade. Ora essa liberdade de agir cessa com a morte, para além da qual se não adquirem merecimentos. Separada a alma do corpo, o ser humano já não pratica nem o bem nem o mal.

Os seus méritos ou as suas culpas são os que apresenta no momento a partir do qual é lícito ao médico passar certidão de óbito.

Assim a ideia corrente de que os santos vivem só no Céu não

é exacta. Os santos vivem primeiro na Terra e não serão — Santos no Céu os que o não tiverem sido quando faziam parte da Humanidade. E é de notar que nem todos os que em vida foram considerados santos, figuram no elenco de canonizados que a Igreja Católica vai actualizando. Mas é também verdade que nesse elenco não figuram todos os que, santificados, estão no Céu. Por isso mesmo a Igreja Católica de há muitos séculos dedica um dia da liturgia à comemoração de Todos-os-Santos. Admite-se que se trata de inumerável multidão. O Apocalipse na sua linguagem simbólica, diz serem cento e quarenta e quatro mil (o quadrado de doze multiplicado por mil). E o vidente do Apocalipse para além desse número afirma ainda ter visto «uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, de todas as raças, de todos os povos, de todas as línguas».

Impossível era incluí-los todos no elenco dos santos a venerar. Mas a veneração dos santos (essencialmente diferente do culto prestado a Deus) pode ser pública ou particular. Deste modo, nenhum fiel está impedido de prestar culto ao santo da sua devoção, mesmo que não esteja onde ele é oficialmente venerável ou o faça fora da data que lhe é atribuída. Por isso em nada a devoção dos santos, entendida como deve ser, foi ou será prejudicada com a remodelação de um elenco que estava em vigor e que era diferente do actual, mas tinha as mesmas características.

Assim não ficaram a perder nem os santos, nem os seus devotos conscientes.

O nosso Santo António, que nasceu, estudou e adquiriu virtudes em Lisboa, e em Pádua fez milagres e morreu, continuará a ser venerado oficialmente em toda a Igreja. É exemplo dos santos de projecção universal.

Santa Joana d'Arc e o Beato Nuno Álvares terão os seus veneradores, mas compreensivelmente não em todo o mundo. Poderá um inglês ter muita — ou mesmo pouca — devoção por Santa Joana d'Arc? E um espanhol pelo Beato Nuno Álvares?

São casos típicos de santos de características locais.

As novas disposições do calendário hagiológico não são destruição, mas sim actualização.

Outra interpretação seria errada.

(Do Diário Popular)

Assinaturas pagas

durante o mês de Abril

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Adelino Mendes Abrantes, Carvalha.

Manuel Pinheiro, Tapadas.

Manuel Mendes Figueiredo, Aldeia das Dez.

José Domingos Nunes, Alvôco de Várzeas.

Manuel Baptista de Oliveira, Carapinha.

Augusta Madeira de Oliveira, Aldeia das Dez.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

D. Guilhermina Pacheco, Torres Vedras.

Armando Freire da Cruz, Lisboa.

Serafim Mendes da Costa, Aldeia das Dez.

Evaristo Marques dos Santos, Pomares.

P.^e Ilídio Portugal, Maiorca.

António dos Santos Pereira, Vide.

Manuel Pimenta da Silva, Celorico da Beira.

José dos Anjos Marques, Lisboa.

António da Fonseca e Silva, Ponte das Três Entradas.

D. Maria Augusta da Fonseca, Rapada.

Adelino Lopes Mendes, Caldas de S. Paulo.

Albino Alves da Silva, Lisboa.

Manuel Moreira, Odiveelas.

Menina Fátima do Carmo

M. Marcelino, Merujais.

Menina Maria Otilia Júlio

Marques, Merujais.

Com 25\$00 pagaram os Senhores:

António Marques Luiz, Ponte das Três Entradas.

Emídio Lemos, Parente.

Francisco Mendes, Parente.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

Alexandre Joaquim, Lisboa.

Luciano Castanheira, Lisboa.

Com 80\$00 pagou o Senhor

António dos Santos Diniz, Pomares.

Com 100\$00 pagou o Senhor

António Lucas, Coimbra.

Com 110\$00 pagou o Senhor

Adelino das Neves Madeira, Lisboa.

Com 200\$00 a família do

Senhor João Lopes Mota, Vila Nova da Rainha.

«Voz do Santuário»

CONDIÇÕES DE ASSINATURA POR ANO

Simples assinantes . . .	15\$00
Assinantes benfeitores .	20\$00
Prov. Ultramarinas. . .	25\$00
Para o estrangeiro . . .	40\$00
Por avião	60\$00

NOSSA SENHORA E A PALAVRA DE DEUS

(Continuado da página 1)

a doutrina da Mãe-Igreja convida a mergulhar no mistério de Deus.

Tomemos o *Credo do Povo de Deus*, amorosamente elaborado pelo actual Vigário de Cristo, na celebração do décimo nono centenário da morte dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

«Cremos no Pai que gera eternamente o Filho; no Filho, Verbo de Deus que é eternamente gerado; no Espírito Santo Pessoa criada, que procede do Pai e do Filho, como seu eterno Amor».

Deste altíssimo documento teológico surge a verdade da existência das três Pessoas na divina essência: o Pai que gera o Verbo, o Verbo gerado pelo Pai, e o eterno Amor que procede do

Pai e do Filho, quer dizer do Pai e do Verbo do Pai.

Dizer que o Filho é o Verbo do Pai, é dizer que o Filho é a Palavra do Pai, porque Verbo é o mesmo que Palavra, Palavra interior, Palavra íntima, Palavra que exprime quanto o Pai conhece de Si mesmo, de Deus, das criaturas. O Verbo é a Palavra que personifica toda a Sapiência de Deus. O Verbo é a Sapiência Pessoal de Deus, é a Palavra pessoal de Deus.

Vejam para já a divina dignidade e magestade, do Verbo. Pois foi o mesmo Verbo a Palavra eterna, que se faz homem e escolheu para Mãe, aquela a quem invocamos com o nome de *Mãe de Deus*.

Maria é pois a Mãe da Palavra eterna, do Verbo eterno, da Sapiência eterna, da Luz eterna.

NOTA ANÓNIMA DE AUTOR CONHECIDO DO DESTINATÁRIO

A local = *Nossa Senhora e a Palavra de Deus* vai certeira ao Sr. José Pires Lourenço de S. Vicente da Beira.

Não o conheço mas estimo-o. Os seus olhos, destituídos de visão, não enxergam a luz criada.

Mas os olhos da sua fé estão vivos e conscientemente alumia-dos pela Luz Incruiada. É que os olhos da fé são os ouvidos.

É por eles que a fé penetra na alma. E pela fé conhecem-se os Mistérios.

A Palavra eterna entra nele, e incita-o a querer o que Deus quer. Isto quer dizer que o Cristo Sol, lá do alto do Seu meio-dia lança na sua alma a luz que muitos olhos abertos e sadios não querem ver.

PELO SANTUÁRIO

Na igreja da Senhora das Preces além de outras, foram celebradas: uma missa por intenção do Sr. António dos Santos Diniz, de Pomares; e outra por intenção de D. Hermínia da Silva Ventura, de S. Gião, ausente em África, mas representada pelo Sr. Artur Cândido Alves Freire.

— Na Capela da Senhora das Necessidades, do monte do Colcorinho, também foram celebradas missas, sendo uma por intenção de pessoas de Cabeça d'Eiras — Sandomil.

— No dia 24 de Junho — dia de São João — também haverá missa na Senhora das Necessidades às 8 horas da manhã e na igreja da Senhora das Preces às 11 horas.

— Para a nova capela do Colcurinho recebemos 500\$00 do amigo João Lourenço Mendes, do Chão Sobral, mas residente em Vila Franca de Xira.

Que nossa Senhora o recompense e ajude. Os nossos agradecimentos.

*

Já toda a gente sabe que a estrada desde a capela dos Apóstolos ao cruzamento do caminho do Chão Sobral, é propriedade particular e pertence ao Santuário.

Foi pertença dos Serviços Florestais, mas com a troca da estrada nova, por cima da povoação, ficou a ser do Santuário, com todos os seus direitos.

Quando era dos Serviços Florestais ninguém lhe tocava, ninguém ali depositava coisa alguma, ninguém cortava eucaliptos da beira da estrada.

Como mudou de dono, o senhor feitor entende que também mudaram as leis e que, o que era da estrada, agora já não é, e portanto corta o que entende, deita para a estrada o que lhe apraz e faz depósito de tudo

INCITAMENTO

*O bom povo desta vila
Não quer nada para si
Basta-lhe a consolação
De ter o Concelho aqui.*

*Faltou-nos falar no povo
Do Ninho do Açôr honrado
Que já foi da outra vez
Nosso fiel aliado.*

*Por tanto, ajudai Amigos
Este anseio, por favor
Que S. Vicente da Beira
Vos pagará com amor.*

*S'nhor Governador Civil
Da nossa qu'rida Cidade
Atendei a S. Vicente,
Fazei-lhe essa caridade.*

*E vós Senhor Presidente
Da Câmara, Amigo velho,
Perdeis cinco freguesias
Mas ganhareis um Concelho.*

*Por isso S'nhor Presidente
Quando S. Vicente for
Pedir esta concessão,
Não lha negueis, por favor!*

*Os povos — como as pessoas —
Precisam de se ajudar.
Quem há que viva no mundo
Sem de ninguém precisar?*

*Os Santos, os próprios Santos,
Festeados como são
Sem que tenham quatro amigos
Não saiem na procissão!*

*Fala-se na Soalheira,
Oh! se esse Povo querido
Desse a mão a S. Vicente!...
Era caso resolvido.*

*Se chegarmos a unir-nos
Numa aliança querida!
Poderá vir o Concelho
Ainda em nossa vida.*

*P'ra que todos nos ajudem
Peçamos com devoção
P'ra que o Senhor Santo Cristo
Lhes toque no coração.*

*Já bastante temos dito
Sobre o espiritual,
Havendo a considerar
A parte material*

*Esta vila bem precisa
Das Escolas erigir
Para os Paços do Concelho
Poderem vir a servir.*

*Isto, é claro, não podendo
Construírem-se outros novos,
Mas hoje tudo se inclina
P'ra se alindarem os povos.*

*Nesta vila há terrenos
Que, até mesmo sem vontade
Toda a gente os cederá
Quando houver necessidade.*

*E se alguém se desculpar
(Desculpa é fraca defesa)
Há p'ra qualquer das hipóteses
Todo o campo da «Devesa».*

*Se ali houver uma ponte,
Feita em cimento armado,
Dará p'ra uma cidade
Se fazer daquele lado.*

*Já tem campo da bola
P'ra rapaziada jogar
E um bairro para os pobres
Ficava ali a «matar».*

*Casas viradas ao Norte
Outras viradas ao Sul
Com quintaizinhos de flores
Eram «ouro sobre azul»!*

*E como lá também há
A fonte de Santo André
Restaurar-se-lhe a capela
Virá ser boa maré.*

(continua)

Santos de ontem e Santos de hoje

pelo dr. JOSÉ GOMES BRANCO

Na constituição sobre a Liturgia, aprovada no II Concílio do Vaticano e promulgada em Dezembro de 1963 pelo Papa Paulo VI, lê-se o seguinte:

«A Igreja, segundo a tradição, venera os Santos e as suas relíquias autênticas bem como as suas imagens. É que as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar. Para que as festas dos Santos não prevaleçam sobre as festas que recordam os mistérios da salvação, muitas delas ficarão a ser celebradas só por uma Igreja particular ou Nação ou Família Religiosa, estendendo-se apenas a toda a Igreja as que festejam Santos de inegável importância universal».

A aplicação desta doutrina, que não é de resto inteiramente nova, veio talvez alarmar ou até escandalizar alguns católicos, menos conhecedores da sua religião, e deu azo a que algumas pessoas, habitualmente desinteressadas do culto dos santos, e logicamente alheias à sua prática, fizessem comentários precipitados.

A nova orientação do calendário litúrgico, que entrará em vigor no primeiro dia do próximo ano, tende a restringir, para nações, regiões, dioceses, cidades ou organismos religiosos, o culto dos santos que de modo especial lhes dizem respeito e a dar projecção mundial só aos santos que a mereçam pela sua vida ou doutrina.

Pretende ainda que o elenco dos santos a venerar abrangia não só os que vivem há muito tempo, como os que viveram mais recentemente (há santos

contemporâneos de Cristo e outros do nosso século) e inclua santos nascidos na Europa, na África, na Ásia, na América e na Oceânia.

Assim, alguns santos serão festejados em toda a Igreja; outros nalguns pontos apenas; e outros ainda serão ou não festejados, conforme a devoção dos fiéis.

Já, porém, antes destas disposições a veneração dos santos não era igual em todo o mundo. Alguns vinham no missal atribuídos ao culto de determinadas nações ou localidades. É o caso de Santo Ildefonso, Santa Maria Soubirous, Santa Margarida de Cartona, S. Bento José Labre, S. João Baptista Rossi, Santo Isidro. Outros poucos conhecidos aliás entre nós, encontravam-se no elenco dos que eram apontados à veneração de todo o mundo católico: S. João Facundo, S. Processo, Santo António Maria Zacarias, Santa Sinfaroza. Dentro desta orientação os próprios missais apresentavam uma parte de carácter geral e outra relativa aos santos de projecção local.

Sem negar a sua existência nem o seu valor moral, a Igreja Católica resolveu escalar de modo diferente no calendário litúrgico os seus santos. Na impossibilidade de fazer celebrar em todos os lugares todos os santos, adapta a sua comemoração às circunstâncias locais.

SANTO ANTÓNIO
CONTINUA UNIVERSAL

Mas, afinal, o que é um santo para a Igreja Católica?

Não são evidentemente todos aqueles que ela admite tenham
(Continua na página 3)